



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

ENTRE A ESCOLA, O TRABALHO E A VIDA: MEMÓRIA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MULHERES RURAIS SOBRE A INFÂNCIA

Pâmela Pitágoras Freitas Lima*
(UESB)

Lívia Diana Rocha Magalhães**
(UESB)

RESUMO

É objetivo deste trabalho analisar a memória e as representações sociais da infância de dez mães trabalhadoras rurais, com idade entre 20 e 74 anos, do município baiano de Barra do Choça. A coleta de dados se deu através da técnica de grupos focais, que consiste em realizar encontros que favoreçam a interação grupal ao se discutir uma temática específica. Observamos que as referências ao passado vivido é evocado pelo núcleo central dessas mães, resgatando como referência as vivências do acesso precário a escola em suas infâncias, e as dificuldades desta por conta da necessidade de trabalhar neste período de suas vidas.

PALAVRAS - CHAVE: Infância. Representações Sociais. Memória Social.

INTRODUÇÃO

A memória vista por uma perspectiva social é multimodal e tem um caráter eminentemente construtivo. Do ponto de vista da Psicologia Social, tem como característica ser simultaneamente social e psicológica; possui dependência estreita da comunicação e da interação social; está relacionada com o conceito de

* Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia. Mestre pelo Programa de Pós Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade - UESB.

** Pós-Doutora em Psicologia Social pela UERJ, Docente do Programa de Pós Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade - UESB.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

pensamento social e possui uma variável de cunho nitidamente afetiva (SÁ, 2005). A memória, a rigor, responde a uma necessidade social e individual do presente.

Por ser considerado um fenômeno social novo no campo dos estudos científicos, é ainda crescente o número de pesquisas que enfocam a infância na amplitude de suas características, principalmente engendrando nas áreas da Psicologia Social e da Memória. Conforme aponta Nascimento (2004), pesquisas sobre as lembranças dos tempos da infância têm sido pouco aprofundados no estudo da Memória Social no Brasil.

Podemos destacar que é a partir da década de 1970 que houve um aumento no interesse em se estudar a memória numa perspectiva que a considera eminentemente como um objeto social, coletivo. Em grande parte, tal fato está relacionado à retomada do conjunto de estudos desenvolvidos entre 1920 e 1940 pelo sociólogo francês Maurice Halbwachs, retomada esta que nas últimas décadas proporcionou novos problemas teóricos para as áreas da História, da Sociologia, da Antropologia e da Psicologia Social, entre outras (NASCIMENTO, 2004). Este teórico, como outros que o sucedeu, trabalha a concepção de memória no âmbito social, ampliando seu entendimento enquanto uma construção partilhada, já que os indivíduos não se lembram por si mesmos, necessitam da memória coletiva.

Na construção de seu pensamento, Halbwachs (2006) enfatiza a pertença da memória aos aspectos sociais. Para o autor, há características que diferenciam, aparentemente, uma memória pessoal de uma memória social, mas na verdade “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivermos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós” (HALBWACHS, 2006, p. 30). Para Halbwachs, a memória se referencia no grupo social ou grupos sociais de nossa pertença.

Halbwachs (2004) ainda enfatiza o papel dos marcos sociais na memória social, ou seja, a memória se remeta a marcos do espaço, tempo e relações sociais,



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

como a família, a escola, o trabalho, a classe social, a religião, a linguagem e a cultura, entre outros. Segundo Halbwachs (2004), os indivíduos evocam memórias contando com os marcos da memória social. Assim, para Halbwachs, a memória é influenciada pelo contexto temporal e espacial em que se desenvolveu. É através da associação entre a lembrança e o contexto espacial que muitas recordações são fixadas. E o tempo considerado por Halbwachs não é necessariamente o tempo cronológico, mas sim um tempo “lógico”, um tempo como aponta o autor, coletivo, um tempo oposto à duração individual, em que as lembranças serão também balizadas pelo grupo. Assim, toda memória social tem como suporte um grupo limitado no tempo e no espaço.

A Teoria da Representação Social é um espaço de construção social de concepções partilhadas dentro de um grupo. Segundo Moscovici (1978), a representação social é uma modalidade de conhecimentos particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos. Dentre seus alcances, a Representação Social também se torna participativa nas práticas simbólicas difundidas coletivamente. As representações sociais são mecanismos de construção de termos/evocações de uma época em uma estrutura social, ainda que tenha um passado reconstruído à luz dos fatos e idéias. Percebemos então que tanto a teoria das representações sociais, como da memória, são consideradas como formas de expressão do pensamento social, e de como este é regido por crenças, percepções e memória (BONARDI, 2003).

A proximidade entre a teoria das RS e da memória social pode ser assim revista: O primeiro deles é sem dúvida a origem epistemológica e influenciadora da obra de Émile Durkheim. Estas duas teorias dependem dos processos comunicacionais; dão importância aos processos de interação e a inserção do sujeito em um meio social; Há uma relação entre indivíduo e sociedade e há semelhança entre a memória social com os processos de ancoragem da RS, Quando se referem à possibilidade de transformar o passado em presente, há uma



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

semelhança entre a abordagem da memória social com os processos de objetivação da RS, em que as recordações são reconstruídas e não evocadas sem sofrer transformações e a importância da linguagem no processo de construção de uma representação e de uma lembrança (VIAUD, 2003; ALBA, 2011).

A teoria da Representação Social tem se constituído em uma rica abordagem metodológica para se estudar a questão da memória social/coletiva. As suas diversas abordagens permitem um caminho para se apreender elementos da memória compartilhada no grupo, importantes na constituição da representação social de um determinado coletivo.

Portanto, foi utilizada para o desenvolvimento dessa pesquisa, a metodologia dos estudos em Representações Sociais, por meio de grupos focais para analisar as representações sociais que mães trabalhadoras rurais fazem sobre a infância. A coleta de dados foi realizada através da técnica de grupo focal, com o total de 04 (quatro) encontros realizados em um espaço público da comunidade, acordados antecipadamente, com as participantes e a aplicação de um questionário fechado contendo perguntas de caráter socioeconômico.

Os encontros, com duração média de 90 (noventa) minutos, ocorreram no período abrangendo o segundo semestre de 2011 e o primeiro semestre de 2012, com data e horário previamente combinado, de acordo com a disponibilidade das participantes. As sessões foram transcritas e contou com a participação da moderadora/pesquisadora e de uma observadora com experiência em trabalho com grupos. A execução desta pesquisa seguiu alguns critérios, conforme indicado na literatura especializada (GONDIM, 2002). Participaram desta pesquisa 10 (dez) mães, todas atualmente residentes na localidade rural do Santo Antônio, no município de Barra do Choça, com idades entre 20 (vinte) e 71 (setenta e um) anos.

O intuito dessa pesquisa foi de apreender as narrativas das mulheres trabalhadoras rurais e os elementos importantes na análise das diversas questões relativas a representação e memória da infância. A partir dos dados do



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

questionário sociodemográfico, foi possível identificar dois parâmetros de respostas, semelhantes em certas faixas etárias das participantes. No grupo das mulheres mais velhas, a faixa etária varia entre 74 (setenta e quatro) anos, da mais velha, e 53 (cinquenta e três) anos, da mais jovem e do grupo das mulheres mais novas, a faixa etária varia entre 49 (quarenta e nove) anos, da mais velha, e 20 (vinte) anos, da mais jovem. Foram assim associadas, pois dentro do grupo, elas tiveram maior concordância nas respostas relacionadas aos temas propostos nos encontros. As participantes vivenciaram as principais mudanças ocorridas no município e na localidade.

As vivências diferenciadas dessas duas gerações de mulheres ressaltam uma realidade no meio rural brasileiro, em que hoje é extremamente complexo se diferenciar estes dois espaços. Ainda encontramos evidências de uma classificação de que o “urbano” seria o novo, o progresso e o “rural” com o velho, como o atrasado (SILVA, 1997). Entretanto, esta denominação se mostra inadequada, principalmente ao se tomar como exemplo a comunidade estudada nesta pesquisa. Atualmente, está cada vez mais difícil delimitar o que é rural e o que é urbano (MINGIONE & PUGLIESE, 1967). O rural hoje só pode ser entendido como um “*continuum*” do urbano do ponto de vista espacial; e do ponto de vista da organização da atividade econômica, as cidades não podem mais ser identificadas apenas com a atividade industrial, nem os campos com a agricultura e a pecuária. Em poucas palavras, pode-se dizer que o meio rural brasileiro se urbanizou nas duas últimas décadas, como resultado do processo de industrialização da agricultura, de um lado, e, de outro, do transbordamento do mundo urbano naquele espaço que tradicionalmente era definido como rural (SILVA, 1997).

Para a realização desse estudo, utilizamos a abordagem estrutural da teoria das Representações Sociais, que visa identificar os elementos centrais e periféricos partilhados dentro dos grupos. Por núcleo central, tomamos a concepção de Sá (1996), em que este seria o elemento gerador e organizador da representação,



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

aquele que dá unicidade e estabilidade ao que é comumente partilhado pelo grupo, e que possui mais resistência a mudanças no decorrer do tempo. O sistema periférico, por seu turno, é constituído por todos os demais elementos da representação e caracteriza-se por integrar as experiências e as histórias individuais, suportar a heterogeneidade e as contradições do grupo, sendo ainda capaz de mudar mais facilmente em resposta às transformações do contexto social imediato. Com isso, desempenha as funções de adaptação da representação à realidade concreta, de regulação flexível do seu conteúdo e de proteção do sistema central contra a possibilidade de mudanças frequentes (ABRIC, 1998).

No núcleo central, as mulheres mais velhas, entre 53 (cinquenta e três) e 74 (setenta e quatro) anos de idade, apresentavam uma evocação maior de elementos e narrativas associados a uma infância pobre quando exerceram o trabalho muito cedo, porém associavam a um período de vida feliz. Em seguida, evocavam a ausência da escola em suas vidas, associando-a às dificuldades financeiras que viveram e à necessidade de trabalhar durante a infância. Como aponta Noronha (1986), muitas vezes as mulheres no meio rural são privadas da educação escolar para se educarem através do trabalho.

Notamos que os principais elementos evocados por todas as mulheres mais velhas foram uma infância marcada pelo trabalho e as dificuldades financeiras, mas, para muitas, havia o componente prazeroso e de boas relações na família. O trabalho rural na infância apareceu no relato das lembranças de todas as mulheres, mas, em alguns elementos periféricos, não figurou como algo condenatório por elas, referendando a pesquisa realizada por Nascimento (2004), quando ressalta que, muitas vezes, essas lembranças trazem certo tom nostálgico e saudoso do trabalho na infância. Nessa temática, identificamos os primeiros elementos conflitantes, como podemos destacar pelo relato de uma das participantes:

Meu pai não me deixava ir para a escola, que era longe da nossa rocinha (ficava na sede do então distrito de Barra do Choça), pois



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

ele dizia que mulher não precisa saber ler e nem escrever, que mulher não precisa saber escrever para mandar bilhetes para namorados” (Relato da participante C. dos Santos, 74 anos).

Cordeiro (2012) evidenciou, em sua pesquisa com mulheres trabalhadoras rurais do sertão pernambucano, que são atribuídos às mulheres na área rural espaços socialmente circunscritos: a casa, o grupo familiar e a comunidade a que pertencem; cabendo aos homens lidar com outros espaços sociais: gestão da unidade familiar, aquisição de equipamentos para o trabalho, comercialização dos produtos e comércio de terras, liberdade para sair, beber com os amigos, ir às festas e jogos, não necessariamente acompanhados da família.

Nos relatos das participantes mais velhas não foram claramente evidenciados esses conflitos e essas novas formas de organização da produção familiar, o que não significa que relações de autoridade, poder e gênero na conjuntura familiar não existissem na realidade delas.

É interessante observar que mesmo a relação da infância agradável estava permeada pelo trabalho infantil, pelo analfabetismo e pela falta da escola. É importante destacar que o não acesso à escola deve também ser compreendido no contexto sociohistórico da região já apresentada, já que a primeira escola a ser instalada, ainda quando era distrito de Vitória da Conquista, foi no ano de 1953, período em que boa parte das participantes já tinha idade escolar, mas não tinha condições financeiras para se descolar até a sede do distrito, indicativo da histórica fragilidade da educação escolar no meio rural. Neves (2007) também identifica, em seu trabalho sobre as representações sociais da escola de mulheres e homens de um assentamento, essa dificuldade de acesso à escola no meio rural. Contudo, as participantes não apresentaram, como explicação para os problemas, a falta da instituição escolar no povoado em que habitavam, mas a dificuldade de deslocamento para a escola, que se localizava na sede do distrito.



Naiff & Sá (2007) e Naiff *et al.* (2008), em pesquisa sobre representação da educação escolar e memórias autobiográficas de mães e filhas de baixa renda, habitantes de uma periferia do Rio de Janeiro, constataram que o trabalho na infância marcou bastante a trajetória de vida das mulheres do grupo das mães. Elas associaram poucas lembranças boas a essa fase, em que as dificuldades financeiras foram marcantes, emergindo dessas memórias a preocupação em poupar as filhas do trabalho infantil para diferir de sua própria realidade. As pesquisas de Azevedo (2011) também evidenciam que memórias recompostas de exclusão escolar por parte de mães trabalhadoras rurais foram elementos decisivos na inserção desvantajosa no contexto de distribuição social do acesso à educação, através da entrada precoce do trabalho em suas vidas, que se apropriou da infância, tornando-as adultas precocemente na medida em que incorporaram em seu cotidiano a assunção das tarefas de manutenção da família. Em tal contexto, o tempo da escola se tornava secundário diante do tempo do trabalho.

Nenhuma das participantes mais velhas evocou o exercício do trabalho remunerado na infância; elas apontavam em seus relatos a execução de dois tipos principais de trabalhos, os quais as privavam do acesso ou permanência na escola: o trabalho doméstico e o trabalho na propriedade rural da família. Como ressalta Noronha (1986), o trabalho infantil exercido na roça era relatado pelas mulheres como uma “ajuda” à família, pois trabalhavam na própria propriedade ou auxiliavam seus pais no serviço.

Já no grupo das mulheres mais jovens, havia uma relação mais nostálgica e valorativa quando elas narravam as recordações da infância. Relembavam com riqueza de detalhes os principais jogos de criança, o acesso maior ao espaço público e às “brincadeiras de rua”, uma experimentação maior do lazer nos tempos de criança e atribuíam a uma escolha pessoal, na maioria dos casos, e não a uma imposição familiar ou circunstancial, a busca pelo trabalho na lavoura,



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

principalmente na adolescência, encontrada como elemento periférico da representação.

Identificamos, no núcleo central do grupo, evocações associadas à importância da escola e à dificuldade de conseguirem permanecer na escola e concluir os estudos. A necessidade de trabalhar na adolescência era apontada como principal motivo do abandono escolar. Nos elementos periféricos, também eram reforçadas e evocadas as dificuldades de acesso à escola e permanência na instituição escolar, já que, no período da infância e juventude vividas pelas participantes, existia somente uma única escola para atender a toda a comunidade e, para dar prosseguimento aos estudos, era necessário ir à sede do município para estudar. Nesse grupo, entretanto, a pouca permanência escolar era muito mais relacionada às dificuldades financeiras vividas pela família; atribuíam a esse motivo a não continuidade dos estudos.

Entretanto, não foi apenas no grupo das mulheres mais velhas que ocorreu o contraste entre uma infância boa e uma infância marcada pelo trabalho, que as impedia de ir à escola. Essa característica figurou também nas memórias das mulheres mais jovens, conforme depoimento de uma das participantes, que nos contou sua trajetória de trabalho infantil e as dificuldades para ajudar a mãe no sustento da família:

“Minha infância não foi muito boa não, pois tive que trocar o lápis pela enxada. Larguei a escola porque era a irmã mais velha e tive que ajudar para pôr comida em casa para sustentar meus irmãos, depois que meu pai sofreu um acidente. Eu tinha dez anos.” Relato da participante A. A. S., de 30 anos.

Podemos fazer um paralelo com outros estudos em que as mulheres de uma geração mais recente falam desse maior tempo de lazer, resgatam boas lembranças da escola e revelam a mudança para um mundo adulto em consequência da escolha em para se dedicarem ao mundo do trabalho e às vivências sexuais (NAIFF & SÁ,



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

2007). Diferente dos relatos das mulheres mais velhas, em que o matrimônio não figurou como elemento representativo da infância, certamente pelo fato de terem se casado já na maioridade, após os 18 (dezoito) anos. Para Magalhães (2010), embora as novas gerações tenham alcançado diferentes oportunidades de escolarização e diversificação nos setores ocupacionais, quando comparadas às mães e avós, ainda sofrem de uma relação desigual de gênero.

CONCLUSÕES

Observamos que os quadros das memórias dos dois grupos de mulheres estudadas são referenciados no espaço rural e na família. Elas evocavam os lugares, a depender de suas idades, as memórias comuns e distintas, de acordo com o tempo vivido. Notamos que se desenhava uma tendência das participantes da pesquisa em relatar acontecimentos de suas infâncias, o local em que viviam, o que havia mudado, o que havia de diferente do hoje para o ontem. Os conteúdos mais evocados por suas lembranças eram relacionados à infância e à situação de privação. As atividades junto aos pais e à família, que poderiam ser caracterizadas como trabalho, eram corriqueiras nos seus relatos e havia certo tom nostálgico em suas narrativas.

Ressaltamos que nossa pesquisa confirma a manutenção, nesse espaço rural, das relações desiguais de gênero. As mulheres rurais continuam exercendo múltiplas funções: dona de casa, esposa, mãe, trabalhadora rural, safrista, proprietária e lavradora de sua própria terra (NORONHA, 1986), mesmo com a conquista, enquanto ideia na sociedade, de igualdade entre homens e mulheres, como reitera Jelin (1995). Frisamos que as relações de gênero necessitam vir à tona, a fim de superar a realidade que ainda esconde situações de exploração e de desigualdade de gênero e que reflete na formação e transmissão das gerações,



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

incidindo nas relações e no cotidiano da vida pública e privada, como analisa Magalhães (2010).

Confirmamos também que as representações sociais são, de fato, mecanismos de construção de termos/evocações de uma época em uma estrutura social, ainda que tenha um passado reconstruído à luz dos fatos e ideias.

REFERÊNCIAS

- ABRIC, Jean Claude. A abordagem estrutural das representações sociais. Em A. S. P. Moreira & D. C. de Oliveira. (Orgs.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. (pp. 27-38). Goiânia: AB, 1998.
- ALBA, Martha de. Representações sociais e memória coletiva; uma releitura. In. **Teoria das representações sociais: 50 anos**. Angela Maria de Oliveira Almeida; Maria de Fátima de Souza Santos; Zeidi Araújo Trindade (org). Brasília: Technopolitik, 2011, pp. 393-432.
- AZEVEDO, Alessandro Augusto de. "Trabalhar com os braços e a cabeça para ver o futuro...": Representações sobre educação a partir de trabalhadores rurais assentados da reforma agrária. **Educ. rev.**, Curitiba, n. 40, jun. 2011.
- BONARDI, Christine. Représentations sociales et mémoire : de la dynamique aux structures premières. **Reveu Connexions**, 2/2003 (nº80), pp. 43-57.
- CORDEIRO, Rosineide de L. M. Gênero em contextos rurais: a liberdade de ir e vir e o controle da sexualidade das mulheres no sertão de Pernambuco. In. Jacó-Vilela, Ana Maria; Sato, Leny (org). **Diálogos em Psicologia Social**. RJ: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012, pp.133-143.
- GONDIM, Sônia Maria Guedes. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 24, 2002 .
- HALBWACHS, Maurice. **Los marcos sociales de la memoria**. Rubí; Concepción; Caracas: Anthropos; Universidad de Concepción; Universidad Central de Venezuela, 2004.
- _____. **A memória coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. Rio de Janeiro: Centauro, 2006.
- JELIN, Elizabeth. Familia y género: notas para el debate. in Wainerman, Catalina (ed). **Vivir en Familia**. Buenos Aires. Unicef/Losada, 1995.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

MAGALHÃES, Livia Diana Rocha. Gênero, participación laboral, educacional y procesos formativos. In. **Investigaciones actuales de las mujeres y del género**. Santiago de Compostela: Universidad, Servizo de Publicacións. Org. Rita M^a Radl Philipp (e intercambio científico), 2010, pp. 81-89.

MINGIONE, Enzo; PUGLIESE, Enrico. A difícil delimitação do "urbano" e do "rural": alguns exemplos e implicações teóricas. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n^o 22, abril 1967, pp. 83-99.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, (Psyche).

NAIFF, Luciene Alves Miguez; SÁ, Celso Pereira de. De mãe para filhas, o legado da exclusão social: um estudo de memórias autobiográficas. **Memorandum**, 13, 2007, pp. 88-99.

NAIFF, Luciene Alves Miguez; SÁ, Celso Pereira de; NAIFF, Denis Giovanni Monteiro. Preciso estudar para ser alguém: memória e representações sociais da educação escolar. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 39, 2008.

NASCIMENTO, Adriano Roberto Afonso do; MENANDRO, Paulo Rogério Meira. UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO Centro de Ciências Humanas e Naturais. **Memória dos verdes anos: saudade da infância na música popular brasileira - uma investigação e uma proposta de análise de dados**. 2004. xv, 164 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

NEVES, Joana d'Arc de Vasconcelos. **Projeto vividos representações construídas: as Representações Sociais que mulheres e homens do assentamento CIDAPAR possuem sobre os saberes que buscam na escola para os seus projetos de vida**. 2007, 262f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Pará, Programa de Pós Graduação em Educação.

NORONHA, Olinda Maria. **De camponesa a "madame": o trabalho feminino e relações de saber no meio rural**. Edições Loyola, São Paulo, 1986. (Coleção Educação Popular n^o 04).

SÁ, Celso Pereira de. **Núcleo Central das Representações Sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. As memórias da memória social. In SÁ, Celso Pereira (org). **Memória, imaginário e representações sociais**. Rio de Janeiro, RJ: Editora do Museu da República, 2005, pp. 63-86.

SILVA, José Graziano da. O novo rural brasileiro. **Nova economia**, Belo horizonte. 7(1):43-81 (maio de 1997).

VIAUD, Jean. Mémoire collective, représentations sociales et pratiques sociales. **Reveu Connexions**, 2/2003 (n^o 80), pp. 13-30.